

# A América portuguesa na cartografia de Pero de Magalhães de Gândavo

**José Carlos de Araujo Neto**

*Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especializado em História do Brasil e Administração Escolar pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente é Primeiro-Tenente, lotado no Serviço de Documentação da Marinha e é mestrando do Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

## RESUMO

O artigo tem por objetivo expor uma parcela dos conhecimentos produzidos em relação à colonização portuguesa na América por meio da cartografia lusitana no século XVI, período em que foi elaborado documento cartográfico divulgado na *História da Província Santa Cruz*, obra de Pero de Magalhães de Gândavo. A partir do estudo da carta de Gândavo e das informações já produzidas por diversos autores no que se refere à produção cartográfica lusitana, esse trabalho visa a contribuir para a discussão sobre as linhas imaginárias que o indivíduo português, representado aqui por Pero de Magalhães de Gândavo, imprimiu sobre a construção e conquista geográfica da Província Santa Cruz.

PALAVRAS-CHAVE: CARTOGRAFIA; BRASIL COLÔNIA; PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO.

## ABSTRACT

The article aims to relate the branch of the knowledge produced about the Portuguese colonization in America, by means of the Lusitanian cartography of the XVI century, made public in the cartography document *História da Província Santa Cruz*, elaborated by Pero de Magalhães de Gândavo. From the study of the maps of Gândavo and others information on the subject produced by diverse authors, this article has the purpose to contribute for the debate on the imaginations lines that the Portuguese, represented here by Pero de Magalhães, transcribed about the structure and geographic conquest of the Santa Cruz Province.

KEYWORD: CARTOGRAPHY; COLONIAL BRAZIL; PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO.

## INTRODUÇÃO

Pero de Magalhães de Gândavo foi um daqueles portugueses do século XVI cuja produção intelectual transformou-se em relevante documentação para o estudo da história da colonização portuguesa na América. Inclui-se, nessa produção, uma importante concepção cartográfica desse território colonial. Gândavo nasceu em torno de 1540 e foi o responsável pela impressão e divulgação, em sua obra *História da Província Santa Cruz*, no ano de 1576, do documento cartográfico abordado nessa pesquisa. Essa foi a primeira publicação em língua portuguesa sobre a colônia portuguesa na América e, além de inaugurar a historiografia e a geografia brasileiras, uma preocupação consciente de seu autor, foi pioneira também ao apresentar a nova terra como um local aprazível e habitável, e não como um exótico palco de aventuras e perigos.

Sua obra foi traduzida desde cedo em castelhano e mais tarde em francês, publicada por Ternaux Compans, em 1837. Permaneceu quase desconhecida, embora segundo Henri Ternaux fosse uma das “*mais notáveis que apareceram no século XVI, sobre a descrição de países longínquos*”<sup>1</sup>. Além da edição francesa de 1837, o texto de 1576 teve mais duas reedições em 1858: uma em Lisboa e outra no Rio de Janeiro. Além da Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Marinha também possui uma edição de 1858, impressa no Rio de Janeiro.

A partir do estudo da carta de Gândavo e das informações já produzidas por diversos autores no que se refere à produção cartográfica lusitana, esse trabalho tem por objetivo contribuir para a discussão sobre as linhas imaginárias que o indivíduo português, representado aqui por Pero de Magalhães de Gândavo, imprimiu sobre a construção e conquista geográfica da Província de Santa

Cruz, compreendendo como interesses políticos e comerciais definiram as linhas territoriais do nosso país, ajudando nos estudos sobre o período colonial brasileiro.

*A história não é somente uma questão de fato; ela exige imaginação que penetre o motivo da ação, que sinta a emoção já sentida, que viva o orgulho ou a humilhação já provados.*<sup>2</sup>

As dificuldades que se apresentam durante o desenvolvimento de um trabalho desta natureza se caracterizam pelo distanciamento que se tem das fontes originais de pesquisa, sabiamente preservadas em bibliotecas da Europa, o que torna o trabalho não só demorado como oneroso ao pesquisador. Embora se tenham cópias de boa qualidade publicadas em forma de livros no Brasil, os documentos originais sempre apresentam novas oportunidades de abordagem, possibilitando o aparecimento de reinterpretções. As reduções e formatações gráficas que documentos cartográficos sofrem na adequação para as páginas dos compêndios tornam algumas representações e escritas difíceis de serem interpretadas em algumas ocasiões.

A crítica das fontes exige que o analista possua leituras mais vastas, pois a História é um domínio múltiplo. É necessário se verificar o valor extrínseco do documento, ou seja, como o documento foi produzido, quem redigiu o documento, em que momento se redigiu o documento, para qual destinatário, sob que forma se apresenta, como chegou até os que o detém, qual discurso elabora, questões de letra, suportes, escritas, etc. Sem desvalorizar a crítica interna, a hermenêutica buscando saber as intenções de fundo do documento.

Ao estabelecer conceitos apropriados para o desenvolvimento dessa pesquisa, é necessário fundamentar uma noção inicial de representação, pois as fontes principais

<sup>1</sup> GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *Histoire de la Province de Sancta Cruz que nous nommons Brésil*. Paris: A Bertrand, 1837, p. 2.

<sup>2</sup> ABREU, Capistrano. *Capítulos de história colonial (1500-1800)*, p. 15.

utilizadas serão admitidas como, em primeira instância, como representações dos elementos constitutivos do universo em torno de Pero de Magalhães. Conforme a perspectiva de Roger Chartier (1990), as representações construídas do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que a forjam. Daí, para cada caso, deve-se evidenciar o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Para o autor, as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas sociais e políticas que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso a investigação sobre as representações supõe-nas como estando colocadas em um campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciavam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações são importantes para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. (CHARTIER: 1990, p.17)

As construções simbólicas que se processam no âmbito territorial são em essência imagens que projetadas nas mentes dos homens podem tomar significados diferentes, pois estão intrinsecamente relacionadas à dimensão subjetiva do indivíduo, que notadamente recebeu influências do meio e da sociedade a qual encontrava-se inserido. Ao analisar a concepção de lugares imaginários, que já vinham de uma herança cultural da Idade Média, e suas correlações com os registros de Gândavo, este trabalho tenta contribuir para uma “história do imaginário”, tão pouco explorada na historiografia brasileira, se comparando com a quantidade de produções de autores estrangeiros. A imaginação simbólica é capaz de elaborar uma sistematização dos seus significados, relacionando-os com os principais conceitos

desse “campo da história” emergente. Dessa forma, pode-se entender que a territorialidade foi construída notadamente pelas práticas sociais que se efetivaram no espaço as quais inseriu-se em um determinado espaço/tempo simbólico.

Desta feita, esse trabalho divide-se em duas partes: a primeira é voltada a expor uma parcela dos conhecimentos produzidos em relação à cartografia lusitana no século XVI, a fim de que possa auxiliar nas interpretações do mapa de Gândavo, e a segunda é tecer comentários sobre o documento cartográfico divulgado na *História da Província de Santa Cruz* e contribuir para os debates em torno desse tipo de documentação e sua contribuição para os estudos históricos.

## O ESTUDO DA CARTOGRAFIA LUSITANA DO SÉCULO XVI

O episódio da chegada dos portugueses ao litoral das terras que posteriormente se denominariam Brasil marcou o início da produção e reprodução mental, verbal e visual da América portuguesa por meio da incorporação de sistemas simbólicos diferenciados, gerando documentos históricos que guardaram essas representações do imaginário português. O território brasileiro pelas suas características geográficas e étnicas passou a atrair muitos viajantes, cientistas e aventureiros europeus, que, a partir do século XVI, passaram a relatar as suas experiências, observações e aventuras ao seu mundo contemporâneo, o qual as recebeu sempre com voraz curiosidade, como se verifica no próprio Pero de Magalhães e em autores como Hans Staden, Jean de Lery e André Thevet.

A América é uma terra vasta. Lá existem muitas tribos de homens selvagens, com muitas línguas diversas, e numerosos animais esquisitos. Tem um aspecto agradável. As árvores são sempre verdes; aí não meçam as semelhantes às nossas hessianas. Os habitantes andam nus. Na parte da terra que fica entre os trópicos, em nenhum tempo do ano faz frio, como aqui no dia de São Miguel,

mas a terra ao sul do trópico do Capricórnio é um pouco mais fria.<sup>3</sup>

Mesmo após os primeiros reconhecimentos do território colonial americano, o imaginário português ainda estava repleto de divagações e hipóteses, pois somente alguns poucos privilegiados tiveram acesso *in loco* às novas terras.

A vastidão dos matos, dos rios, dos chapadões desolados, as caatingas de vegetação rala do litoral, cheirosos de cajueiros, não estava vazia de entidades poderosas e ardentes.<sup>4</sup>

Muitos estudiosos acreditavam que a representação cartográfica do território brasileiro no século XVI esteve intimamente associada aos interesses políticos e econômicos da nação responsável pela elaboração do mapa. Os cartógrafos acabaram por se tornar elementos de importância estratégica dentro da política expansionista de Portugal, pois, além de responsáveis por representar nos pergaminhos, as informações geográficas sobre as novas terras obtidas nas empreitadas portuguesas de além-mar, também registravam as rotas marítimas utilizadas para se chegar a essas mesmas terras. Esses documentos cartográficos eram conhecidos no século XVI como Cartas de Marear<sup>5</sup>, e os seus produtores como Mestres de Cartas de Marear. Cartografia e cartógrafo são neologismos híbridos que os navegadores dos séculos XV e XVI não conheceram. Esses vocábulos só passaram a ser usados a partir do século XIX. Os Mestres de Cartas de Marear eram artistas que, nesse sentido, colaboravam

com os pilotos, aqueles que realmente se utilizavam desses mapas para navegar.

O renascimento da cartografia no século XVI foi grandemente determinado pelas descobertas geográficas. Estas, por sua vez, não foram obra do acaso. Estão ligadas ao desenvolvimento do comércio da época e à evolução de conhecimentos técnicos, como a descoberta da bússola, da orientação de ventos e correntes, o aperfeiçoamento da navegação marítima e a introdução de novos tipos de barcos, nos quais os marinheiros tinham mais esperanças de voltar ao porto. Neste mesmo período, inicialmente na Itália e depois no resto da Europa, a imprensa começou a se impor, e sem ela seria impossível pensar no desenvolvimento da cartografia. A xilogravura pertencia às técnicas gráficas mais antigas e foi, até meados do século XVI, a técnica principal para a fabricação de mapas.

Desde 1826, o Visconde de Santarém<sup>6</sup> já se ocupava em estudos da cartografia histórica. Após a derrota dos absolutistas na guerra civil portuguesa, foi viver em Paris, onde se dedicou à história da cartografia antiga, disciplina de que é considerado fundador, e no domínio da qual produziu uma vasta obra, onde publicou cartas antigas em ordenação cronológica.

O historiador português Armando Cortesão<sup>7</sup> definiu quatro grandes marcos na história da cartografia náutica: o desenvolvimento da carta-portulano<sup>8</sup>, no século XIII; a invenção da navegação astronômica e a introdução das latitudes nas cartas, em finais

<sup>3</sup> STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da USP, 1974, p. 152.

<sup>4</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976, p. 4.

<sup>5</sup> Segundo o *Vocabulário português e latino*, de autoria do Padre Raphael Bluteau, por volta de 1712, carta de marear é a que apresenta em plano todo o globo da terra, ou parte dela, [...] com todos os rumos da agulha de marear. Nela se conhece o tempo dos mares, [...]. Por ela sabe o piloto, qual vento [...], para onde há de encaminhar sua nau. p. 168.

<sup>6</sup> Manuel Francisco Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2º Visconde de Santarém (1791-1855).

<sup>7</sup> CORTESÃO, Armando. *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XVI e XVII*. Lisboa: 1935.

<sup>8</sup> Eram representações gráficas do escrito no roteiro (portulano), ou melhor, da costa e dos lugares nela visitados e localizados pelos navegadores na área do Mar Mediterrâneo. Foram embriões das cartas de marear.

do século XV; a descoberta e aplicação da chamada Projeção de Mercator, e por último o aperfeiçoamento do cronômetro, que permitiu a determinação da longitude no mar, em finais do século XVII. Apesar das inovações, o autor classificou de “período de esplendor” da cartografia portuguesa, aquele que vai do final do século XV até a União Ibérica em 1580. Período de interesse desse trabalho, que coincide com os primeiros anos de existência no Brasil para os europeus. Logo, um período que aparentemente oferece muitas oportunidades de estudos que contribuam para a História do Brasil.

A partir da década de 1940, o estudo dos mapas se intensificou, não só como fonte de análise e interpretação do passado, mas também como instrumento de estudo e planejamento da política de desenvolvimento regional. O lançamento, em 1935, da *Imago Mundi*<sup>9</sup>, a inauguração em 1964 das Conferências Internacionais de História da Cartografia, realizadas a cada três anos, e a fundação da International Science for the History of Cartography, na década de 70, representam, moderadamente, os marcos da intensificação dos inventários, dos estudos e da divulgação do imenso acervo cartográfico acumulado durante séculos por quase todos os povos, em diferentes estágios de cultura.

Mas foi em 1944, no Rio de Janeiro, durante um curso de mapoteconomia ministrado no Palácio do Itamaraty pelo português Jaime Cortesão<sup>10</sup>, que pela primeira vez abordou-se aqui a documentação cartográfica antiga do Brasil, tanto sob o aspecto do estudo sistemático e cronológico das respectivas cartas geográficas quanto sob o de sua utilização metodológica na interpretação e esclarecimento de fatos e monumentos históricos. Notável historiador, Jaime Cortesão, por meio de suas obras, contribuiu para a

renovação dos horizontes metodológicos que enquadram os aspectos estudados dentro da temática cartográfica, publicou *História da cartografia política do Brasil e História do Brasil nos velhos mapas*, ambos pelo Ministério das Relações Exteriores. Entre seus alunos, surgiram outros grandes profissionais e estudiosos do tema, como Isa Adonias, que por muito tempo esteve à frente da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores. Dentre suas principais obras está *Mapa: imagens da formação territorial brasileira*, que marca profundamente os estudos históricos brasileiros do ponto de vista do evolucionismo cartográfico do território brasileiro, pois inventariou de forma cronológica os principais mapas do Itamaraty referentes ao Brasil, acompanhados de suas análises pessoais acerca dos aspectos geográficos e imaginários neles representados.

Apesar de Francisco Adolpho de Varnhagen ter sido, aqui no Brasil, o pioneiro nos estudos da cartografia antiga relativa ao território brasileiro, estudando diversos aspectos e publicando suas análises em torno do *Atlas* de Fernão Vaz Dourado, elaborado em 1571, atualmente, o estudo da cartografia brasileira e suas contribuições para a História para Brasil é desenvolvido em seu mais alto nível por meio das obras de Max Justo Guedes<sup>11</sup>, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Nova de Lisboa, que publicou inúmeros artigos sobre o tema no Brasil, em Portugal, na Espanha e nos Estados Unidos da América. Contra-Almirante da Marinha do Brasil, sua formação e experiência de navegação consolidam a perspectiva náutica como sua principal característica nos estudos das cartas e é atributo marcante em suas publicações, entre elas *O Descobrimento do Brasil* e o primeiro volume da coleção *História Naval Brasileira*. O Almirante Max é a mais clássica e importante referência do

<sup>9</sup> Revista de cartografia antiga editada na Inglaterra, de periodicidade anual.

<sup>10</sup> Historiador português que residiu no Rio de Janeiro, tornando-se professor universitário, especializando-se na história dos Descobrimientos Portugueses e na formação do Brasil. Veio a falecer em 1960.

<sup>11</sup> Na *Revista Isto É* de 19 de novembro de 1997, no artigo “O Verdadeiro Cabral”, Max Justo Guedes é citado como “o principal pesquisador brasileiro sobre história do Descobrimento do Brasil”.

pesquisador que se utiliza das informações colhidas nos mapas antigos, a fim de construir uma História do Brasil pautada em fontes primárias ainda pouco exploradas por historiadores brasileiros. Sendo extremamente necessário “banalizar” a utilização desse tipo de documento primário em pesquisas históricas relacionadas com o período colonial brasileiro.

### **A AMÉRICA LUSITANA DE PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO**

Pero de Magalhães de Gândavo teria nascido em Braga, na Província do Minho, região que, segundo Câmara Cascudo, trazia lembranças da Galícia e com elas o informe de lendas que já estavam esvaecidas no próprio século XVI. Em muitas das primeiras formas de representação da colônia portuguesa, tal como no Novo Mundo em geral, assiste-se à objetivação no mundo empírico das múltiplas visões do paraíso e de outros mundos, tradicionalmente presentes no imaginário escatológico antigo e medieval. O elemento branco, colonial, foi o responsável pela maioria dos mitos. Se não em volume, mas em força modificadora, em ação contínua. Nenhum mito se imunizou do prodigioso contato e todos trazem vestígios, decisivos ou acidentais, sempre vivos, do “efeito” português, inclusive Gândavo.

Os mitos brasileiros vêm de três fontes essenciais: Portugal, indígena e a África. A colocação é proposital e na ordem da influência.<sup>12</sup>

A descoberta de terras, apesar de lendárias, estava estreitamente ligada à consolidação dos Estados europeus. A expectativa de novas fontes econômicas de sustento alimentou os investimentos e as esperanças nessas terras de além-mar. Nesse contexto, a Geografia produzida pôde começar a ser analisada e os cartógrafos da época compreendidos na sua obra. A análise dos agentes cartográficos e seus respectivos proces-

sos de produção já possibilitou a compreensão de elementos de instância do pensamento político relacionados aos lugares.

*História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gândavo, dirigida ao Ilustre Senhor Dom Lionis Pereira*, é título do Códice “b.IV.28” da Biblioteca de El Escorial, na Espanha. Esta obra compõe-se de 81 folhas de papel, com três folhas em branco no começo e nove no fim. A folha 12v contém uma carta do Brasil, medindo 196mm x 276mm, a qual está reproduzida neste trabalho. Desta forma, de extrema raridade, conhecem-se dois exemplares, o da Biblioteca Nacional de Lisboa e o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. No ano 1576, foi publicada em Lisboa, onde fez uma exposição do ambiente natural da América portuguesa. Abordou descritivamente o relevo, a fauna, a flora da costa brasileira e uma análise, de certa forma pretensiosa, da etnografia indígena. Assim, Gândavo produziu o primeiro trabalho de construção geográfica do que viria a ser o território brasileiro descrevendo a terra e ilustrando suas fronteiras.

Os antigos cartógrafos não se limitavam à função essencial de assinalar as rotas de navegação e representar o ambiente físico ou socioeconômicos das regiões em foco. Acresciam outros elementos informativos, tais como fatos, seres e coisas, dispostos nas cartas de tal forma que as transformavam em conjuntos pictóricos da mais bela aparência. A ausência de tais representações na iconografia de Gândavo é um indício lógico de influência renascentista, pois tais imagens sublinhavam também a energia retórica e o poder de legitimação conferido aos mapas na Idade Moderna. Figurado nas cartas geográficas, o ameríndio deixava de ser sujeito humano para constituir-se em objeto de saber europeu e cristão. Sua nudez é aquela da fé e da lei. O olhar que lançavam sobre ele era o de um colecionador de curiosidades.

<sup>12</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit., p.3.

## *Navegador 5* – A América portuguesa na cartografia de Pero de Magalhães de Gândavo

Destoando dessa característica gráfica, o mapa de Gândavo limita-se a aspectos essencialmente técnicos de navegação e identificações geográficas. Nestes aspectos, esse mapa confirma a tendência da cartografia portuguesa no século XVI, exprimindo a explosão informativa sobre a hidrografia e as massas litorais das terras portuguesas, somando-se a um conjunto de cartas náuticas de grande precisão nos complexos marítimos costeiros e com a máxima elucidação dos núcleos geográficos com importância para a navegação como cabos, baías, golfos ou ilhas.

Fruto da inovação técnica das escalas de latitudes, da revolução informativa sobre as diversas zonas terrestres e hidrográficas sob o domínio dos portugueses, o serviço cartográfico português era dirigido por um chefe cuja vigilância constante consistia em impedir a difusão desses documentos, como se pode constatar nas formas discriminadas no “Alvará da Declaração das Cartas de Marear e Defesa das Pomas”. Numa aparente contramão desse contexto, o mapa de Gândavo, em virtude de sua publicação na obra descritiva de Gândavo, caracterizou-se por um dos maiores contribuintes para o grande impacto da cartografia náutica portuguesa na restante cartografia europeia.

Se na segunda metade do século XVI ainda havia uma política de sigilo, a divulgação desse mapa na obra *História da Província Santa Cruz* deixou explícito algumas informações náuticas de enorme e extraordinária fidelidade geográfica sobre o litoral da colônia portuguesa na América. A circularidade de informações e o contato com a intelectualidade de outros povos não era novidade, como é demonstrado, também, pela publicação do *Tratado de Sphera*, de Pedro Nunes, em 1573, onde abordou vários problemas relativos à navegação oceânica.

Segundo muitos estudiosos, a exploração da colônia portuguesa na América não era divulgada em Portugal devido a várias

razões, sendo a principal o Tratado de Tordesilhas. Os cartógrafos portugueses sabiam, com tristeza, que a linha divisória arrebata a Portugal todos os territórios ao norte do Amazonas, e a costa que se estendia para este desde o Rio da Prata do Sul. Havia rumores de que para aqueles lados havia ouro e prata, por isso, dirigiam-se expedições para o sul, enquanto autoridades fechavam os olhos e cartógrafos manipulavam a linha de Tordesilhas. E com Gândavo não foi diferente, à área exposta pelo seu mapa soma-se a foz do Amazonas e a do Rio da Prata, regiões que pela delimitação de Tordesilhas pertenciam à Espanha.

Os pilotos portugueses eram, muito mais que quaisquer outros, peritos na determinação de latitudes. [...] <sup>13</sup>

Mais de 40 pontos geográficos identificados, dentre os quais muitos são utilizados até hoje, e espantosa fidelidade das coordenadas geográficas são alguns dos inúmeros aspectos que o mapa de Gândavo oferece para desenvolver profícuos debates. Ou seja, contendo alguns traços que dão continuidade a diversas hipóteses, e também outros indícios que levantam ainda mais dúvidas sobre outras questões, o documento de Gândavo pode ser usado como um impressionante instrumento de discussão e análise da história luso-brasileira no século XVI.

### CONCLUSÃO

Os descobrimentos de novas terras pelos portugueses provocaram uma grande proliferação de documentos e testemunhos que se foram constituindo como um *corpus* e heteróclito, alargando-se mais e mais, acompanhando, de maneira mais ou menos diferida, as vicissitudes dos descobrimentos e as temerárias viagens no descobrimento, ou ainda registrando, ao sabor da corrente factual, as diversificadas “invenções” de outras terras e outras gentes.

<sup>13</sup> LEITE, Duarte. *Descobrimientos do Brasil*. Lisboa: Aillaud e Lellos, 1931, p.24.

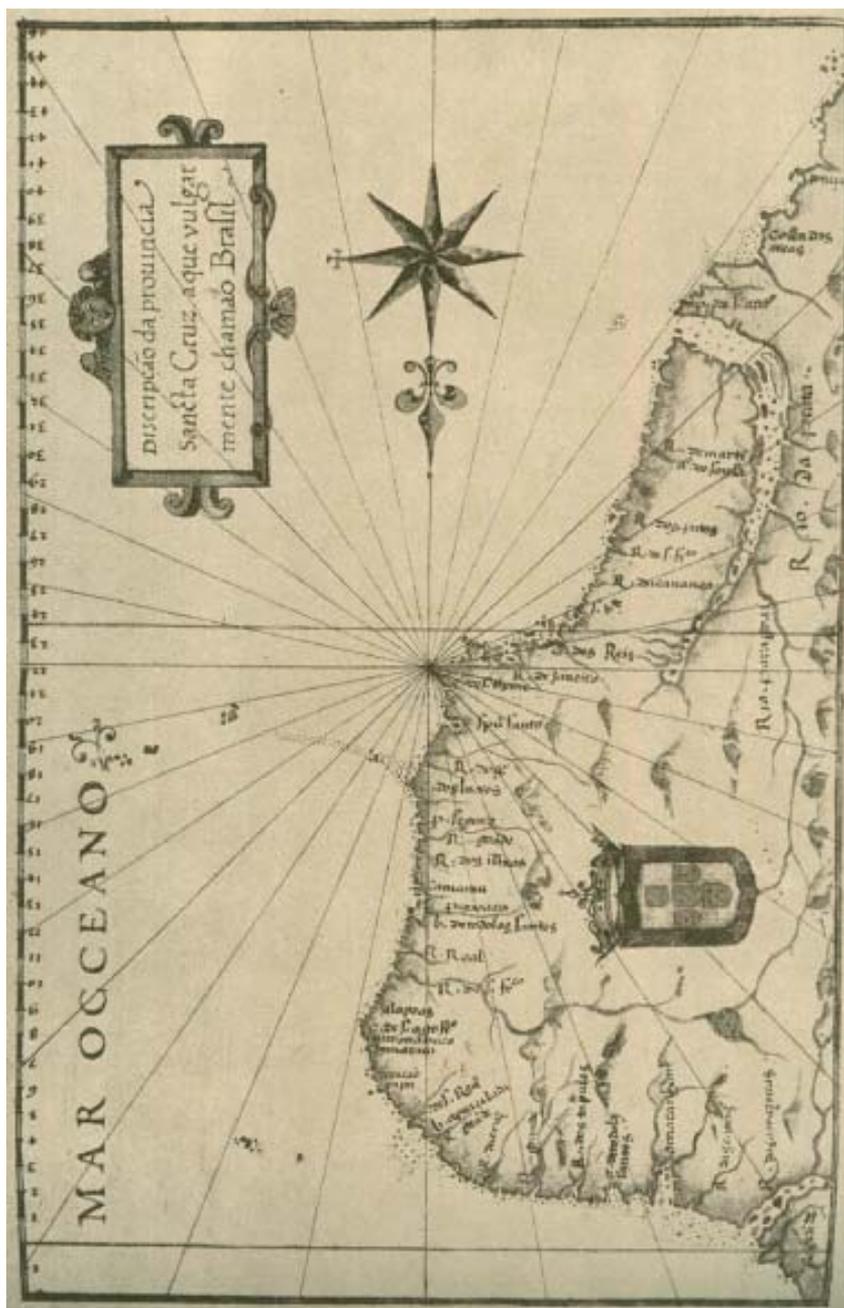
A contribuição que a história, em especial a história do imaginário, pode dar ao entendimento dessa "geografia cartográfica" é grande, apesar de não se dedicar especificamente ao conhecimento geográfico. É o mapa de Gândavo é produto de um contexto histórico onde as nacionalidades definiam-se e iniciava-se a criação de Estados centralizados politicamente, além do desenvolvimento das universidades, com o surgimento de novas correntes religiosas e científicas, elevando o nível da cultura e das mentalidades. Porém, é na área econômica que estas e outras castas mostravam o seu verdadeiro valor, eram os principais instrumentos de uma estratégia maior de Portugal para a denominação das rotas atlânticas em direção às Índias.

A *História da Província Santa Cruz* representa um produto direto do imaginário de um homem renascentista do Minho, ou seja, de Pero de Magalhães de Gândavo. Ao registrar, também não deixa de participar do processo de apropriação portuguesa do espaço americano, onde os indivíduos o transformam em território e passam a estabelecer relações de poder sobre a base física. Esse processo de territorialidade é mediado pelas práticas sociais que controlam, gerenciam e atuam ativamente sobre o território. Entretanto percebe-se que o território envolve não só uma relação de poder e posse sobre um espaço, mas há nessa unidade físicas dimensões subjetivas, em que o indivíduo expressa um elo muito forte com o ambiente em que vive, conferindo-lhe outros significados.

O estudo dos ornamentos cartográficos permite acompanhar a trajetória de um inventário de variantes que, modificando tal figura ou tal imagem, traz sentimentos novos à interpretação dos mapas modernos. Atrás de cada vinheta dissimula-se uma intenção polêmica, mais ou menos explícita ou escondida, que visa a justificar, convencer ou subli-

nar. As imagens nos ornamentos e vinhetas das cartas geográficas propõem ao leitor a correta compreensão do texto e sua justa significação. Neste papel, elas são um lugar de memória cristalizando uma única representação, uma história, uma propaganda, um ensinamento. Ou, como sugere Roger Chartier, são construídas como uma figura moral, simbólica e analógica que salva o sentido global do texto cartográfico de sofrer uma leitura descontínua e errática. Neste uso, portanto, envolvem adesão, produzem persuasão e crença, exprimindo, finalmente a teoria da inteligência pela imaginação, pois a capacidade que o homem tem de criar e dar significado aos símbolos está entre um de seus atributos desde suas evidências mais remotas na Terra, basta lembrar os registros iconográficos deixados nas cavernas.

Este trabalho pretende alimentar a difusão e a divulgação do estudo da cartografia antiga como ferramenta para as áreas de história, geografia, antropologia, engenharia, entre outras. A cartografia antiga tem condições de oferecer não só aos historiadores, como a outros pesquisadores, um acervo de fontes primárias de alto valor científico e artístico. Um potencial que pode ser trabalhado a fim de se redefinir ou construir novas visões acerca de uma questão específica. É conveniente que o mapa de Gândavo venha a se somar ao conjunto original da cartografia portuguesa, com o objetivo de contribuir para a história e geografia da colonização europeia das regiões tropicais, aspectos que a bibliografia acadêmica tem praticamente ignorado. O que não se justifica, já que o Almirante Max Justo Guedes faz questão de citar, em seus diversos trabalhos, a riqueza dos acervos cartográficos brasileiros, como os da Biblioteca Nacional, da Biblioteca da Marinha, do Serviço Geográfico do Exército e do Itamaraty.



**DADOS DO DOCUMENTO:**

Título: Mapa da Província de Santa Cruz  
Localização: Biblioteca da Marinha, rua Mayrink Veiga, nº 28, Centro – Rio de Janeiro – RJ.  
Temática: História colonial brasileira.  
Proveniência: Lisboa, Portugal.

Forma: folha medindo 196mm X 276mm

Data: 1576

**Indicação Bibliográfica:**

CORTESÃO, Armando; MOTA, Avelino Teixeira da. *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Volume 4. Lisboa: INCM, 1988, p. 35.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800 e Os Caminhos antigos e o Povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Descobrimento do Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976.
- ADONIAS, Isa. *Mapa – Imagens da formação territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Odebrecht, 1993.
- ALBUQUERQUE, Luis Mendonça de. *Estudos de história dos Descobrimentos e cartografia antiga*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002.
- \_\_\_\_\_; DOMINGUES, Francisco Contente. *Dicionário de história dos Descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994.
- ANSELMO, Antônio Joaquim. *Bibliografia das obras Impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa; Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.
- BARROSO, Gustavo. *Brasil na Lenda e na cartografia antiga*. São Paulo: Editora Nacional, 1941.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Edição Digital. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- BOXER, Charles. *O império marítimo português*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- BURKE, Peter. *A escrita da História*. UNESP, São Paulo, 1992.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Volume 1. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943.
- CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Cultrix, S. Paulo, 1990.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CEARTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre Práticas e representações*. Lisboa/ Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- COELHO, J. Ramos. *Alguns documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo relativos aos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- CORTESÃO, Armando. *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Seara Nova, 1935, 2 volumes.

## *Navigator 5* – A América portuguesa na cartografia de Pero de Magalhães de Gândavo

- \_\_\_\_\_, MOTA, Avelino Teixeira da. *Portugaliae Monumenta Cartographica*. 7 volumes. Lisboa: INCM, 1988.
- CORTESÃO, Jaime. *A política de sigilo nos Descobrimentos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1997.
- COUTO, Jorge. *A construção do Brasil*. Lisboa, Cosmos, 1998.
- DOMINGUES, Francisco Contente. Colombo e a política de sigilo na historiografia portuguesa. *In Maré Liberum*, nº 1, Lisboa. 1999, pp. 105-116.
- DUBOIS, Claude Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Imagens e reflexos do imaginário português*. Lisboa: Hugin Editores, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O imaginário*. 3ª edição. São Paulo: Editora Difel, 2004.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GÂNDAVO. Pero de Magalhães de. *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamam de Brasil*. Lisboa: Tipologia da Academia Real das Ciências, 1858.
- \_\_\_\_\_. *Tratado da terra do Brasil – História da província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da USP, 1980.
- GUEDES, Max Justo. *Conhecimentos geográficos do Brasil em Portugal e em Espanha*. Lourenço Marques: Universidade de Lourenço Marques, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Primeiras expedições portuguesas e o reconhecimento da costa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Visão do paraíso*. 2ª edição. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1969.
- HONNECOURT, Villard de. *Estudos de iconografia medieval*. Brasília: Editora da UNB, 1997.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papyrus, 1996.
- JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- KNAUSS, Paulo. Imagem do espaço, imagem da História. A representação espacial do Rio de Janeiro. *In Tempo*, volume 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1997, pp 135-148.
- LEITÃO, Humberto; LOPES, José Vicente. *Dicionário da linguagem de Marinha antiga e atual*. 3ª edição. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1990.
- LERY, Jean de. *História de uma viagem feita à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipologia Laemmert, 1889.
- LÉVIS-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa, Edições 70, 1985.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro. *Origem e desenvolvimento da cartografia portuguesa na época dos Descobrimentos*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da moeda, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A cartografia portuguesa e a construção da imagem do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1991.
- MOURA, Vasco Graça. *Sobre Camões, Gândavo e outros personagens: hipóteses de história da cultura*. Porto: Campo das Letras Editores, 2000.
- PEREIRA, Silvio Batista. *Vocabulário da carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1964.
- QUADROS, Antonio. *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*. Lisboa: Átlio, 1992.
- STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da USP, 1974.

***José Carlos de Araujo Neto***

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da USP, 1978.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

VASCONCELOS, Ernesto de. *Subsídios para a história da cartografia portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Lisboa: Tipografia Universal, 1916.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História*. São Paulo: Ática, 1997.